

O PLÁGIO RETRADUZIDO: O CASO DE TARCHETTI E VENUTI

RETRANSLATED PLAGIARISM: THE CASE OF TARCHETTI AND VENUTI

Luana Ferreira de Freitas, Rafael Ferreira da Silva*

RESUMO

Neste artigo, revisitamos a questão do conto fantástico “The mortal immortal” (1833), de Mary Shelley, traduzido para o italiano pelo escritor *scapigliato* Ugo Tarchetti, porém assumido como obra sua nas publicações de 1865, intitulado “Il mortale immortale (dall’inglese)” e de 1868, já nomeado como “L’elixir dell’immortalità (imitazione dall’inglese)” nas revistas italianas *Rivista Minima* e *Emporio Pittoresco*. Buscamos refletir sobre o motivo pelo qual Tarchetti teve tal atitude e por que Lawrence Venuti retraduziu tal texto que era originalmente em inglês para o inglês.

Palavras-chave: Tradução; Plágio; Literatura Fantástica.

ABSTRACT

In this article, we revisit the question of the Mary Shelley’s fantastic tale “The mortal immortal” (1833), translated into Italian by the scapigliato writer Ugo Tarchetti, who assumed the work as his in both editions: the 1865 one, whose title was “Il mortale immortale (dall’inglese)” and the 1868 one, named “L’elixir dell’immortalità (imitazione dall’inglese)” in the Italian magazines Rivista Minima and Emporio Pittoresco. We aim to reflect on why Tarchetti had such attitude and why Lawrence Venuti retranslated the text that was originally in English into English.

Keywords: Translation; Plagiarism; Fantastic literature.

* Professora de Literatura em língua inglesa na UFC. Doutora em Teoria Literária (2007) pela UFSC, com Pós-Doutorado em Estudos da Tradução na PGET/UFSC. Coordenadora da POET. Pesquisa literatura brasileira traduzida e autoria.

** Professor de Língua Italiana da UFC. Mestre (2002) e Doutor (2008) em Letras Neolatinas/UFRJ. Membro da POET/UFC. Pesquisa sobre a tradução linguística e intermodal dos textos multilíngues de Andrea Camilleri.

Lawrence Venuti (1953), professor universitário, tradutólogo e tradutor norte-americano, ganhou notoriedade nos anos 1990 com sua obsessão pela visibilidade do tradutor. Fundamentando sua teoria no famoso ensaio do tradutor e filósofo alemão Schleiermacher (1768-1834) intitulado “Sobre os diferentes métodos de tradução”, proferido em junho de 1813, na Academia Real de Ciências em Berlim, Venuti retoma os muito citados métodos e, em consonância com o hermeneuta alemão, opta pelo método contrário à estética neoclássica francesa, a que denominaria “estrangeirização”.

De acordo com Pym (1995, p. 7), o texto de Schleiermacher é mais um exemplo entre inúmeros da tradução abordada de forma abstrata e chama a atenção para o fato de que o autor alemão não faz referência a traduções concretas em seu texto, o que, em última instância, possibilita o seu emprego para fundamentar qualquer tipo de estratégia que se pretenda contrária à naturalização, como é o caso da visibilidade venutiana.

Venuti, ao preconizar ao longo das duas últimas décadas a visibilidade do tradutor por meio da sua escrita de resistência, gerou um debate polêmico entre seus pares. Seus escritos, entre eles, artigos, livros e paratextos, são, por vezes, contraditórios, parecendo justificar as reações muitas vezes ferrenhas de seus colegas. A controvérsia sempre esteve presente nas defesas da visibilidade do tradutor feitas por Venuti, mas, acreditamos que pouco pode ser mais polêmico na sua carreira que a tradução que Venuti propõe do texto que o escritor italiano Ugo Tarchetti plagiou de Mary Shelley.

Iginio Ugo Tarchetti (1839-1869) foi um dos fundadores da *Scapigliatura*, movimento literário e artístico desenvolvido no norte da Itália a partir de 1862. Ele atuou como jornalista, ensaísta, poeta, contista e romancista até a sua prematura morte, aos 29 anos de idade, vítima de febre tifoide.

Em 1865, Tarchetti publica na *Rivista Minima* o conto considerado ironicamente o precursor do gênero fantástico na Itália: “Il mortale immortale (Dall’inglese)”. Contudo, o referido conto é um plágio de “The Mortal Immortal” de Mary Shelley publicado em 1833, fazendo uma menção enigmática ao apontar para uma origem inglesa, mas sem citar o verdadeiro autor, exibindo o seu temperamento indisciplinado. Em 1868, três anos passados da publicação do plágio do conto de Shelley, Tarchetti republica o conto na revista *Emporio Pittoresco*, em que trabalhava como editor, com o título “L’elisir dell’immortalità”. Quando opta por mudar o título que antes estava traduzido literalmente do inglês, Tarchetti não apenas assume o plágio, ao tentar distanciar seu texto do texto de Shelley, como reafirma a autoria do conto, uma vez que teve a oportunidade de dar os créditos à autora, mas não o fez.

Entretanto, o desagravo de Shelley não tardou, pois em 1896, passados 27 anos da morte de Tarchetti e 45 anos da morte da autora inglesa, o tradutor italiano teve seu romance *Fosca* plagiado e transformado em um conto homônimo por A. Beresford.

Uma tentativa de justificar a atitude de Tarchetti é porque enquanto a Europa e os Estados Unidos assistiam à literatura gótica e fantástica se difundindo, pelas mãos de Edgar Allan Poe e de E.T.A. Hoffmann, a Itália permanecia completamente isolada e ignorava o novo gênero literário. Tarchetti, importante expoente da *Scapigliatura*, amava o romance gótico e enfrentava as convenções sociais da burguesia italiana, culturalmente vinculada ao *Verismo*. No intuito de fazer o Fantástico entrar no cânone italiano, forçando as regras, Tarchetti decide não se limitar a publicar as próprias obras, mas a usar a tradução como elemento propulsor.

De fato, a tarefa de Tarchetti mostra-se interessante porque se trata da apropriação de um texto que desafia o cânone de uma época, provavelmente com a esperança de importar e difundir o novo gênero na península itálica, promovendo ali a produção de literatura fantástica. O conto

em tela narra a história do assistente do alquimista Cornelio Agrippa, Vincenzo, que, acreditando beber uma poção de amor, ingere o elixir da imortalidade inventado pelo seu mestre. Porém, entre a primeira e a segunda parte do conto, é inserido um enfático ataque aos políticos, os quais “nos governam de além das nuvens”,¹ como se fossem seres imortais.²

Venuti, em texto escrito ao suplemento literário do *The New York Times*, datado de 1992 e intitulado “The Awful Crime of I. U. Tarchetti: Plagiarism as Propaganda” faz, como era de se esperar, a defesa do escritor italiano. Venuti afirma: “Passado o choque da descoberta, senti-me impelido a explicar o ato criminoso de Tarchetti, considerando não apenas dados da sua vida pessoal, como também o meu trabalho como tradutor (seria eu seu cúmplice?)”.³

Venuti diz não haver nada de ilegal no ato do *scapigliato*, uma vez que, na época, a lei de direitos autorais na Inglaterra e na Itália não dava ao autor o direito sobre a tradução de seus textos. Além de alegar a falta de dinheiro de Tarchetti, uma vez que o italiano faria mais dinheiro com um texto autoral, Venuti lista os autores de que Tarchetti se serviu, entre os quais, Hoffmann, Poe e Gautier⁴ e justifica que o escritor “adaptou temas fantásticos, reproduziu cenários, traduziu frases, até, como sabemos agora, plagiou – ainda assim, estas estratégias resultaram em contos notadamente originais que se ocupavam de questões sociais urgentes na Itália”.⁵ E, mais adiante, afirma: “Cheguei à conclusão de que o próprio plágio pode ter tido um significado social para Tarchetti. Ele [o plágio] ignora as relações de propriedade burguesa e frustra as distinções sobre as quais o sistema literário italiano estava fundamentado”.⁶

Para o tradutor americano, a tradução de textos que desafiem o cânone contemporâneo da cultura de chegada são práticas “dissidentes”, uma vez que cometem uma transgressão que permite modernizar a cultura, injetando modelos culturalmente diferentes e potencialmente inovadores. Dessa forma, ele obscurece e redefine, de acordo com a sua eterna obsessão, os limites entre plágio, tradução e produção textual original, e, ademais, ignora a história literária e trata o fenômeno intertextual quase como uma criação de Tarchetti.

O que nos move a escrever esse texto, contudo, não é, apesar da relevância do tema, o plágio de Tarchetti, já amplamente conhecido e debatido, tampouco a questão de direitos autorais da tradução, assunto que igualmente merece toda a atenção de tradutores e pensadores da atividade tradutória, mas o propósito de Venuti ao retraduzir um conto originalmente escrito em inglês para o inglês.

Seguem alguns trechos do conto de Shelley, “The Mortal Immortal”, da tradução de Tarchetti e da tradução de Venuti para “Il mortale immortale” para cotejo:

¹ Tarchetti (1967, p. 5) “ci governano da oltre le nuvole”.

² Cf. Corradi (2008, p. 99).

³ Once the shock of the discovery wore off, I felt driven to explain Tarchetti's guilty act, not just in terms of his own life, but also in terms of my work as a translator (Was I his accomplice?).

⁴ Também listados no *Translator's Invisibility* (VENUTI, 1995, p. 149).

⁵ Tarchetti adapted fantastic motifs, reproduced scenes, translated sentences, even, as we now know, plagiarized – yet these strategies resulted in strikingly inventive tales that addressed pressing social issues in Italy.

⁶ I came to realize that the very act of plagiarism may have carried social significance for Tarchetti. It flouted bourgeois property relations and upset the distinctions on which the Italian literary establishment was grounded.

Tabela 1 – Trechos do conto de Shelley para cotejo.

Shelley “The Mortal Immortal”	Tarchetti “Il mortale immortale (dall’inglese)”	Venuti “Il mortale immortale”
<p>July 16, 1833.—This is a memorable anniversary for me: on it I complete my three hundred and twenty-third year! The Wandering Jew?—certainly not. More than eighteen centuries have passed over his head. In comparison with him, I am a very young Immortal.</p>	<p>Dicembre 16, 1867.—È questo per me un anniversario assai memorabile. Io compio oggi il mio trecento ventinovesimo anno di vita.</p>	<p>16 December 1867.—This is a memorable anniversary for me. Today I complete my three hundred and twenty-ninth year of life. Am I perhaps the wandering Jew? No. More than eighteen centuries have accumulated on his head; in comparison to him, I am still quite young.</p>

Fonte: Elaborada pelos autores.

O fragmento acima inicia o conto, que se pretendia contemporâneo à publicação, uma vez que a autora opta por referir-se no seu texto ao ano em que o conto foi publicado: 1833. A consciência do plágio em Tarchetti fica ainda mais evidente quando resolve atualizar a data para a realidade italiana.

No trecho que se segue, outra alteração introduzida por Tarchetti foi a substituição do nome da personagem Bertha, do original, por Ortensia:

Tabela 2 - Trechos do conto de Shelley para cotejo.

Shelley (82)	Tarchetti/Venuti (137)
<p>She [Bertha] often declared that she owed no duty to her new protectress equal in sanctify to that which bound us. Yet still I was too poor to marry, and she grew weary of being tormented on my account.</p> <p><i>She had a haughty but an impatient spirit, and grew angry at the obstacles that prevented our union.</i></p> <p>We met now after an absence, and she had been sorely beset while I was away; she complained bitterly, and almost reproached me for being poor.</p>	<p>Quite often she declared to me that she did not feel bound to her new protectress by any duty equal in sanctify to that which bound us. Her attachment had surely not weakened, but I was too poor to take a wife, and she was weary of being tormented by my uncertainties.</p> <p>Ortensia had a kind but haughty disposition, impatient with delays. The obstacles that opposed our union had also slightly cooled our hearts and proved to be the reason we did not see each other for quite some time.</p> <p>I embraced her again after this very painful separation; the need for intimacy and solace had brought me back to her. She had not suffered any less during my absence; she complained bitterly about it to me and started to blame me, in effect, for being poor.</p>

Fonte: Elaborada pelos autores.

O excerto mostrado prova o que já é sabido e sobre o que Berman⁷ já teorizou: que a tradução de prosa, de uma maneira geral, tende a explicitar o texto e acaba por alongá-lo. Percebe-se que a escrita de Shelley é mais concisa e elíptica, ao passo que o texto de Venuti, traduzido do italiano, busca tornar o texto da autora inteligível, o que contraria a postura estrangeirizante venutiana.

⁷ Cf. Berman (2007).

Observa-se, no fragmento acima e ao longo de toda a tradução de Venuti, o desmembramento de longos períodos e parágrafos: outra característica bastante comum em traduções de ficção.

Tabela 3 - Trechos do conto de Shelley para cotejo.

Shelley	Tarchetti/Venuti
Her jealousy never slept. Her chief occupation was to discover that, in spite of outward appearances, I was myself growing old. I verily believe that the poor soul loved me truly in her heart, but never had woman so tormenting a mode of displaying fondness. She would discern wrinkles in my face and decrepitude in my walk, while I bounded along in youthful vigour, the youngest looking of twenty youths.	Her jealousy never slept. Her principal occupation was discovering that, despite external appearances, I myself was aging. I truly believe that the poor thing sincerely loved me from the depths of her heart, but no woman in the world ever had a more tormenting mode of showing tenderness. She <i>was consumed with finding</i> wrinkles in my face and something halting or decrepit in my step, while I displayed only the exuberant vigor <i>which appears in a youth of twenty</i> .

Fonte: Elaboradora pelos autores.

Chama a atenção a constância, no texto traduzido, de frases idênticas ao original, como é o caso do primeiro período do trecho acima, mas, talvez mais interessante ainda, é o uso de sinônimos como *tenderness* para *fondness*, *step* para *walk* ou *principal* para *chief*, para citar apenas três exemplos.

Ao retraduzir um texto originalmente escrito e idealizado em inglês para o inglês, Venuti necessariamente propõe uma paráfrase de “The Mortal Immortal” e nada mais. Além do uso abundante de sinônimos e dos desmembramentos de períodos e parágrafos, a necessidade de explicitar, como em *was consumed with finding*, parece corroborar a tese da paráfrase, é como se o papel do texto apresentado por Venuti fosse esclarecer o original para os leitores, em uma estratégia que infantiliza o seu público. A paráfrase caracteriza-se por tornar o texto mais idiomático, aumentando, conseqüentemente, o número de palavras.

O mesmo exemplo citado acima, ou seja, *was consumed with finding* como tradução para *discern*, indica também uma alteração no registro do narrador, modificando igualmente o seu estatuto. O narrador de Shelley é mais distanciado e o seu registro mais culto, com um estilo oblíquo, característico do *understatement* tipicamente inglês, o que se perde no texto proposto por Venuti.

Além disso, essa estratégia de Venuti parece condizente com o método renegado por Schleiermacher e, posteriormente, por ele mesmo, ou seja, a produção de um texto mais próximo de uma imitação do original com o intuito de trazer o autor para o leitor, em outras palavras, uma pseudotradução.

Mas, afinal, por que Venuti resolveu traduzir o plágio de Tarchetti? Que função pode ter esse texto no âmbito literário de língua inglesa? Que relevância há nesse exercício tradutório, que, como toda tradução, exige tempo, dedicação e diligência? Para nós, essas perguntas ficarão sempre sem resposta. Por mais que se tente, não se consegue ver esse texto como nada além de um exercício de vaidade intelectual, bem como uma evidência de ingenuidade diante de uma literatura tão rica como a em língua inglesa.

No prefácio a *Fantastic Tales*, uma antologia de contos fantásticos de Tarchetti traduzidos por Venuti, em que consta o conto objeto desse estudo, o tradutor afirma que imitou os estilos de Poe e Shelley nas traduções e acrescenta:

Na minha tradução [do texto de Shelley plagiado], uso palavras e períodos idênticos aos de Shelley [...]. Mas minha versão deve ser vista como um texto

distinto daquele de Tarchetti no que diz respeito a um inglês inteligível para o público anglo-americano e por se apresentar como uma tradução (de uma tradução); distinto do de Shelley dadas as modificações propostas por Tarchetti e pelo emprego de inglês do século XIX com traços contemporâneos. No fim das contas, apenas um leitor do inglês dirá se minha estratégia faz a diferença a que se propôs (VENUTI, 1992, p. 7).

O texto de Venuti é, de fato, diferente do de Tarchetti, afinal de contas está em outra língua e é igualmente diferente do de Shelley, apresentando-se mais pobre estilisticamente. Nós, enquanto leitores de inglês, acreditamos que a tal diferença proposta por Venuti seja desnecessária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMAN, A. *A tradução e a letra: ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerine. Rio de Janeiro: 7 Letras/ PGET, 2007.

CORRADI, M. *Il linguaggio del fantastico nella pubblicistica scapigliata milanese*. Providence: Brown University, 2008.

PYM, A. Schleiermacher and the problem with blending. *Translation and Literature*, v. 4, n. 1, p. 5-30, 1995. Disponível em: <<http://www.eupublishing.com/doi/abs/10.3366/tal.1995.4.1.5>> Acesso em: 26 set. 2015.

TARCHETTI, I. U. *Tutte le opere, a cura di Enrico Ghidetti*. Bologna: Cappelli Editore, 1967.

TARCHETTI, I. U. *Fantastic Tales*. Translated and edited by L. Venuti. San Francisco: Mercury House, 1992.

VENUTI, L. The awful crime of I. U. Tarchetti: plagiarism as propaganda. In: *The New York Times*. 23 ago. 1992. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1992/08/23/books/the-awful-crime-of-i-u-tarchetti-plagiarism-as-propaganda.html>>. Acesso em: 26 set. 2015.

VENUTI, L. *The translator's invisibility: a history of translation*. London and New York: Routledge, 1995.